

Virotes: espacialização e uso por populações indígenas no Sul do Brasil
Arrow tips: space patterns and usage by Indigenous populations of southern Brazil

Lucio Tadeu Mota
Aluizio Alfredo Carsten

Resumo: Virotes são pontas de projéteis feitas de rochas polidas ou de outros materiais, como madeira. Eles são utilizados tanto para capturar pássaros e pequenos mamíferos como para coletar frutos por diversas populações indígenas no Brasil. São apresentadas aqui informações técnicas sobre quatro exemplares dessas pontas rombas encontradas no norte do Paraná e é feita uma reflexão sobre o uso desses artefatos pelas diferentes populações indígenas no Sul do Brasil.

Palavras-chave: Virotes, Pontas de projéteis, Fronteiras e populações.

Abstract. Arrow points are the tips of projectiles made of polished stone or other material such as wood. Several Indigenous populations in Brazil employ them to capture birds and small mammals and to harvest fruits. Current research provides technical information on four specimens of tips found in the northern region of the state of Paraná, Brazil. The use of the artifacts by different Indigenous populations in southern Brazil is discussed.

Keywords: arrows; arrow tips; frontiers and populations.

Resumen: Las setas curvadas son puntas de proyectiles hechos de rocas pulidas o de otros materiales como la madera. Ellos son utilizados por pueblos indígenas de Brasil para coger aves y pequeños mamíferos, como también para recoger frutas. Ese estudio presenta la información técnica sobre cuatro tipos de puntas romas encontrados en la Región Norte de la Provincia del Paraná y se hace una reflexión sobre el uso de estos dispositivos por los diferentes pueblos indígenas en el Sur de Brasil.

Palabras clave: Setas curvadas, Puntas de proyectiles, Fronteras y poblaciones.

Introdução

Ao fazermos uma revisão sobre os artefatos líticos existentes na reserva técnica do Museu da Bacia do Paraná - Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História da Universidade Estadual de Maringá - Pr, deparamo-nos com pontas de projéteis conhecidas na literatura como *virotos*. Também tínhamos encontrado um exemplar deste artefato quando participamos da organização do acervo do Sr. Bendito Calixto na cidade de Santo Inácio, acervo este mais tarde incorporado pelo Museu Histórico de Santo Inácio, e o mesmo tinha ocorrido quando participamos da organização da coleção arqueológica do Sr. José Aluízio Carsten na cidade de Tomazina no norte do Paraná.

Já há algum tempo a pesquisadora Annette Laming-Emperaire, em seu livro **Guia para o estudo das indústrias líticas da América do sul**, definiu os virotos como os (...) *objetos de pedra polida, com um corpo longo, regular, bi cônico lastrado na parte posterior por uma larga excrescência circular*. (LAMING-EMPERAIRE, 1967:82). Depois, muitos pesquisadores seguiram essa definição, e a discussão sobre esses artefatos na arqueologia, na antropologia e mesmo na história já tem mais de um século.

Apesar de Anette Laming-Emperaire defini-los como objetos confeccionados de "pedra polida", a literatura tem apresentado exemplares elaborados de outros materiais, como madeira e ossos.

Entendemos ser necessária a sistematização e mais estudos sobre essas pontas de projéteis, para compreendermos a importância e amplitude de seu uso pelas populações indígenas. Acreditamos ser importante a descrição e divulgação dos dados referentes a esses artefatos, existentes em coleções e reservas técnicas de instituições públicas e/ou privadas bem como de coleções particulares, para que os pesquisadores interessados possam aprofundar suas pesquisas.

Propõe-se aqui divulgar as informações técnicas (documentação fotográfica e medidas) sobre quatro exemplares de virotos; espacializar no Paraná os locais de ocorrências desses artefatos, mesmo que não haja datações, para futuras pesquisas e interpretações sobre a dispersão dos virotos no Sul do Brasil. Entende-se ainda ser importante apresentar dois pontos de reflexão sobre esses artefatos: o primeiro se refere à questão do seu uso por diferentes populações indígenas no Paraná, e o segundo sobre o uso dos mesmos por essas populações.

1. As primeiras abordagens sobre a ocorrência e uso dos virotos

Para um balanço da discussão sobre os locais de ocorrência dos virotos e quais os grupos indígenas que dele fizeram uso, a tarefa pode ser iniciada pela síntese de Guilherme Tiburtius e Alsedo Leprevost, *Nota sobre a ocorrência de virotos, nos Estados do Paraná e Santa Catarina*, (TIBURTIUS & LEPREVOST, 1954). Nela, os autores retomam a discussão existente e descrevem os vários tipos de virotos: pedra, ossos e madeira; com ilustrações e descrições dos locais onde foram encontrados.¹

Talvez um dos primeiros etnólogos a tratar do assunto tenha sido Karl von den Steinen quando relatou a utilização dessas pontas pelos Bororos do Brasil Central. Ele

¹ Para a ocorrência de alguns desses artefatos em São Paulo e Minas Gerais, ver: SOUZA, Gustavo Neves. *O Material Lítico Polido do interior de Minas Gerais e São Paulo: entre a matéria e a cultura*. 2008. 148f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

escreveu que os Bororos utilizavam esse tipo de pontas de projéteis, confeccionadas de madeira, em suas flechas para capturar pássaros (STEINEN, 1894:485).

Ao fazer um balanço da cultura material das populações indígenas no Sul do Brasil, no final do século XIX, Hermann von Ihering, então diretor do Museu Paulista, destacou em um capítulo intitulado *Antiguidades dos aborígenes*, a existência de pontas de projéteis confeccionadas com técnica de polimento. Ele se referia a um artefato existente na coleção do Museu Paulista que era semelhante a artefatos relatados por P. Schupp no Rio Grande do Sul, e por Ladislau Netto. Mas o artefato referido por von Ihering, apesar de ser uma ponta de projétil lítica feita com técnica de polimento, difere dos tradicionais virotes (IHERING, 1895:33-161).

Alguns anos depois, Ihering voltou ao assunto no artigo *Archeologia comparativa no Brazil*, publicado no número 6 da **Revista do Museu Paulista** em 1904. Ali ele descreveu os virotes como objetos de formato bicônico, de pedra polida. Destacou que os exemplares menores eram provenientes do Rio Grande do Sul e os maiores e mais pesados de São Paulo e Paraná. Salientou que esse tipo de artefato não aparecia na literatura arqueológica da Argentina e Venezuela, no Brasil não o tínhamos descrito na arqueologia amazônica, disse desconhecer a presença desses artefatos nos Sambaquis, e concluiu que: *Parece, pois, que virotes, em tempos pré-históricos, e talvez até a nossa época, formavam uma particularidade do indígena no Brasil meridional e central.* (IHERING, 1904:574)

Dez anos depois, em 1914, Ricardo Krone descreveu duas dessas pontas (virotes) encontradas no Vale do Rio Ribeira, mais precisamente no Rio Turvo, e na Barra do Rio Anta Gorda em Iporanga no sul do estado de São Paulo. Ele as classifica como artefatos de "Bugres post-sambaquieiros" (KRONE, 1914: Estampa 34).

Ampliando a perspectiva espacial de ocorrência desses artefatos tem-se uma descrição feita pelo pesquisador suíço Felix Speiser, que descreveu o uso dos virotes para derrubar pássaros das árvores pelos índios Aparai na fronteira do Brasil com a Guiana (SPEISER, 1926:200).

Utilizamos as referências (STEINEN, 1894; von IHERING, 1904; KRONE, 1914; SPEISER, 1926) para ilustrar que as pontas de projéteis polidas, ou rombas, estavam disseminadas por todo o Sul e Centro do Brasil. Queremos dizer, com isso, que as possibilidades de uso desses artefatos podem ser ampliadas tanto em termos espaciais como em profundidade temporal, e dizer que elas - as pontas rombas - não eram uma particularidade apenas dos grupos indígenas do Brasil meridional e central como pensava Ihering.

2. O uso dos virotes pelas populações indígenas no Paraná

• Pelos índios Kaingang

Em 1873, o engenheiro inglês Thomas Plantagenet Bigg-Wither presenciou e descreveu o uso de um desses projéteis pelos índios Kaingang que viviam nas proximidades da Colônia Teresa Cristina no Rio Ivaí no centro do Paraná. Após ter visitado um *pari* - uma armadilha para apanhar peixes - Bigg-Wither pediu a um dos Kaingang para demonstrar as suas habilidades com o arco e flecha.

Ele então levou-nos a uma floresta atrás da aldeia, onde havia uma pequena clareira. Ali bandos de papagaios saíram das árvores e, esvoaçando, gritavam no ar, preocupados com nossa presença.

Acenando-nos para que permanecêssemos bem quietos, o índio adiantou-se sozinho e ajoelhou-se no meio da pequena clareira, com o arco na mão e a flecha já encostada no cordão e apontada na direção dos barulhentos papagaios. Durante o espaço de três ou quatro minutos, o coroado ficou assim ajoelhado, imóvel como uma estátua esperando que os papagaios pousassem novamente sobre as árvores. Daí a pouco foi aquela algazarra substituída por um murmúrio peculiar aos papagaios quando estão comendo juntos. Muito devagarzinho o índio suspendeu do chão algumas polegadas a extremidade do seu arco e, sem que notássemos um só movimento de sua estatuésca posição, soltou a flecha em direção a cumeeira de uma árvore. Tremenda gritaria saudou o arremesso da flecha: os papagaios se levantaram em massa, com os gritos mais selvagens e dissonantes. Chegamos ainda a tempo de ver a ave que o índio tinha atingido, ao cair aturdida pela pancada da flecha rombuda desde os galhos até o chão. Parecia ser esta uma das maneiras de os índios capturarem papagaios vivos. Sendo aves muito fortes, elas logo saem daquele estado de aturdimento que a flecha lhes inflige e voltam a viver, mas como prisioneiros.
(BIGG-WITHER, 1974:145)



Figura 1. Índio Kaingang de Teresa Cristina no Paraná preparado para utilizar uma flecha com virote.

Fonte. BIGG-WITHER, 1878:241.

Nessa descrição, o engenheiro inglês não informou se a ponta da flecha utilizada pelo Kaingang era de madeira ou confeccionada de algum outro tipo de material, mas descreveu com precisão o uso que delas faziam os Kaingang.

Em 1908, Gustav von Koenigswald publicou na **Revista Globus** um artigo sobre os Kaingang do Sul do Brasil. Nele, ele descreveu as armas utilizadas pelos índios. O arco descrito tinha de 2,0 a 2,5 m, confeccionado de madeira resistente e lisa ou às vezes envolto em embiras, e as flechas eram de vários tipos, dentre elas destaca-se a de ponta em formato cônico, as conhecidas como de pontas rombudas, ou virotes.

O terceiro tipo, de madeira, tem formato cônico com forte espessamento no meio (Fig. 10) e serve para o abate de pássaros e a colheita de frutos, principalmente a sapucaia (Lecythis ollaria) e castanhas de pinho (Araucária brasiliensis). (KOENIGSWALD, 1908:27-32)

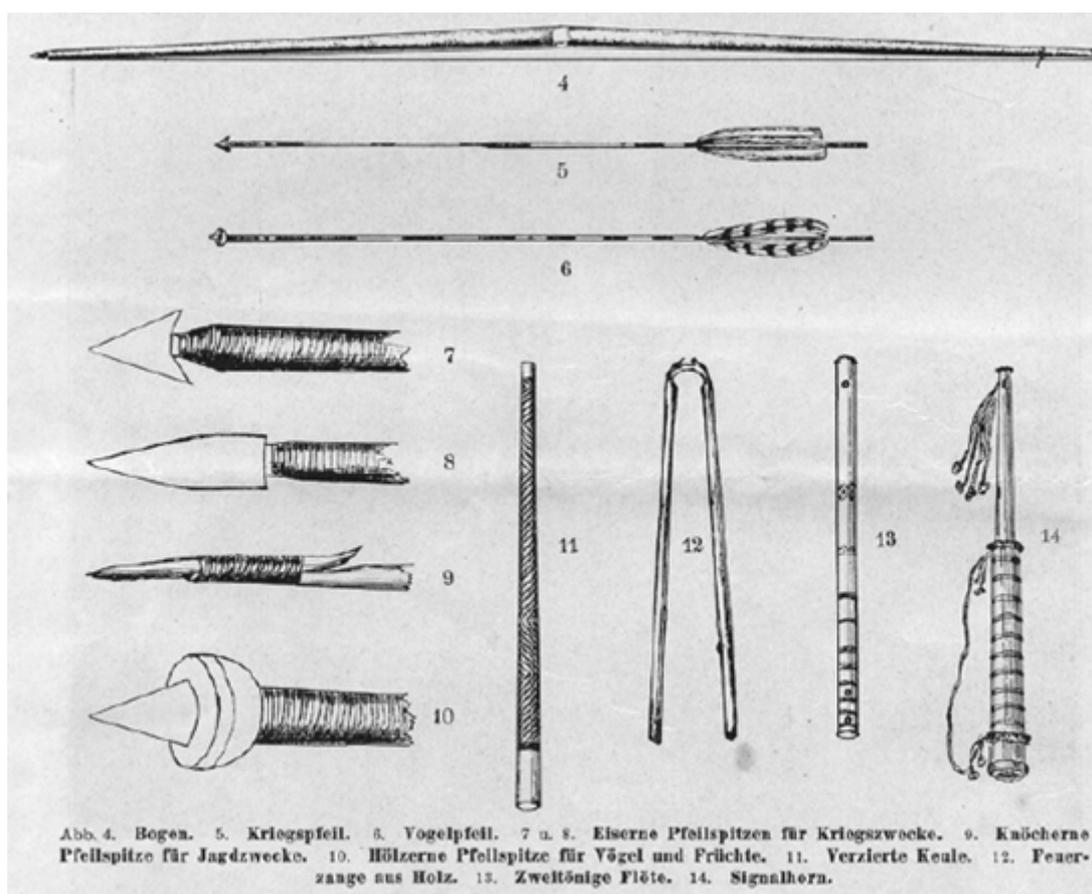


Figura 2. Objetos dos Kaingang do Rio Grande do Sul desenhados por Koenigswald onde se observa na figura 10 uma ponta roma de madeira.

Fonte: KOENIGSWALD, 1908:30.

Na descrição de Gustav von Koenigswald, os virotes, além de servirem para o abate de pássaros, também eram úteis para a coleta de frutos, como as sapucaias, castanhas e os pinhões das araucárias.

O uso do virote pelos Kaingang continuou a ser relatado por outros estudiosos, como Ploetz & Métraux em 1930. Também Loureiro Fernandes, que pesquisou os Kaingang de Palmas em 1941, e descreveu serem os virotes "confeccionados de nó de pinho" e empregados na captura de aves, pequenos mamíferos e na derrubada das pinhas da araucária (FERNANDES, 1941:185). Temos ainda o estudo detalhado de Frederico Lane sobre os arcos e flechas utilizados pelos Kaingang em São Paulo, publicado em 1959.

Podemos inferir que os índios Kaingang, de São Paulo ao Rio Grande do Sul, faziam uso do virote tanto para capturar pássaros e pequenos mamíferos como para coletar frutos.

- **Pelos índios Xetá**

Depois de presenciar o uso do virote para derrubar pássaros pelos Kaingang de Teresa Cristina, o engenheiro inglês Thomas Bigg-Wither continuou seus trabalhos de topografia no Rio Ivaí. Algum meses depois, em agosto de 1873, ele estava internado no vale desse rio a mais de cem quilômetros a jusante da Colônia Teresa Cristina, quando percebeu que seus homens ameaçavam abandonar o trabalho devido a sinais de presença de índios diferentes dos Kaingang nas imediações.

Partiu em busca desses índios "desconhecidos" e encontrou um grupo Xetá nas proximidades das Corredeiras da Ariranha. Depois do contato, vasculhando o acampamento, ele encontrou novas pontas de flechas rombudas feitas de madeira. Num dos *tapuj* (cabana Xetá), ele encontrou "*quatro arcos preparados para o uso, com certa quantidade de flechas ao lado*". Os arcos eram de cabriúva preta (*Myrocarpus fastigiatus*), com 2,5 m de comprimento. As cordas dos arcos eram feitas de fibras da casca de palmito. As flechas tinham quatro tipos de pontas diferentes, todas feitas de pau d'arco, (*Tabebuia*) uma das madeiras mais fortes encontradas nas matas paranaenses. As hastes das flechas eram de bambu medindo de 1,52 a 2,13 m, e 1,5 cm de diâmetro, e tinha duas penas de asa de jacu (*Penelope*) amarradas na sua extremidade; na outra era engastada a ponta, a qual variava conforme o uso. No desenho que ele fez desse "arsenal", no de número 3, podemos ver um perfeito virote de madeira que ele descreveu servir para "*matar aves e pequenos macacos*".

Quase cem anos depois, em 1960, por ocasião dos contatos dos últimos grupos Xetá com membros do SPI e da Universidade Federal do Paraná, na Serra dos Dourados também no vale do Rio Ivaí, Aryon D. Rodrigues anotou em seus cadernos de campo que os Xetá, para caçarem pássaros, preferiam os virotes às flechas comuns, pois: "*a flecha de ponta comum erra muito no passarinho, a de coquinho é mais própria*" (RODRIGUES, 2013:89).

Assim, no vale do Rio Ivaí da segunda metade do século XIX até meados do XX, os Xetá, da mesma forma que os Kaingang, preferiam utilizar esse tipo de projétil para capturar vivos e/ou matar pássaros e pequenos mamíferos (macacos) que viviam nas árvores, e derrubar coquinhos.

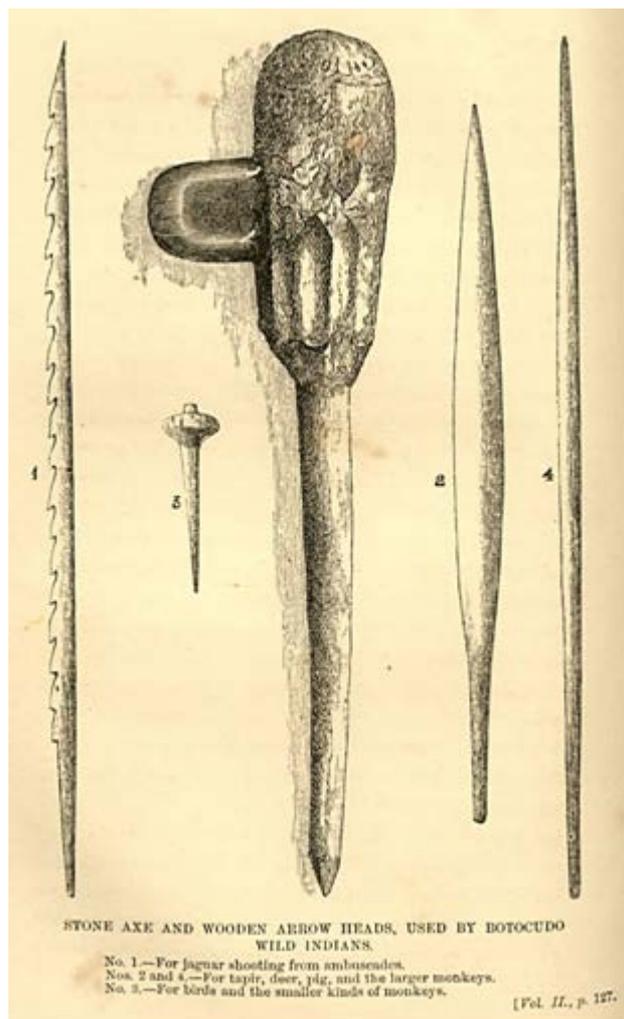


Figura 3. Armas Xetá encontradas por Bigg-Wither nas cercanias do Salto do Aririnha no Paraná, em agosto de 1873, dentre elas a de número 3, um virote de madeira para abater pássaros e macacos, conforme o autor. Fonte: BIGG-WITHER, 1878:127.

- **Pelos índios Xokleng**

Os grupos Xokleng que hoje vivem em Santa Catarina, mas que no começo do século XX ainda manejavam seus territórios na região de Palmas/PR, e ocupavam o vale do Rio Negro e seus afluentes da margem esquerda, também faziam uso dessas pontas rombas.

No XX Congresso Internacional de Americanistas, realizado no Rio de Janeiro em 1922, José Maria de Paula, Inspetor da 7ª Regional do SPI no Paraná, fez uma comunicação tratando dos índios "botocudos" (Xokleng) que viviam no Paraná e Santa Catarina. Ao tratar das suas armas, ele descreveu as flechas:

As flechas são de três espécies: as de guerra, com lamina de aço; as de caça, com ponta de uma rija madeira farpada unilateralmente; e, finalmente, os virotes, para a caça exclusiva de pássaros, ocasionando a morte pelo choque, e não por ferimento aberto. (PAULA, 1924:123)

Visitando a região de Palmas em pesquisas sobre os Kaingang, Loureiro Fernandes informou ter encontrado com colonos dessa região virotes pertencentes aos "Botocudos", nomenclatura que os nacionais davam aos Xokleng na época. (FERNANDES, 1941:185)



Figura 4. Índio Xokleng segurando um arco e flechas com virote.
Fonte: Foto provável de Eduardo Hoerhan, in: SANTOS, 1997:33.

- **Pelos índios Guarani**

Ocupantes de grandes territórios nos vales dos rios Paranapanema, Pirapó, Tibagi e Itararé no Paraná e em São Paulo, os grupos Guarani da parcialidade "Caiuá" (Kayowá), como eram nominados no século XIX, também faziam uso das pontas de projéteis rombas - os virotes.

Telêmaco Borba, que conviveu com eles no último quarto do século XIX, guardou alguns dos seus arcos e flechas, que mais tarde fotografou e publicou no seu livro **Actualidade Indígena**. Junto com flechas de outras etnias podemos ver uma, a de número 49, com o virote engastado em sua ponta.

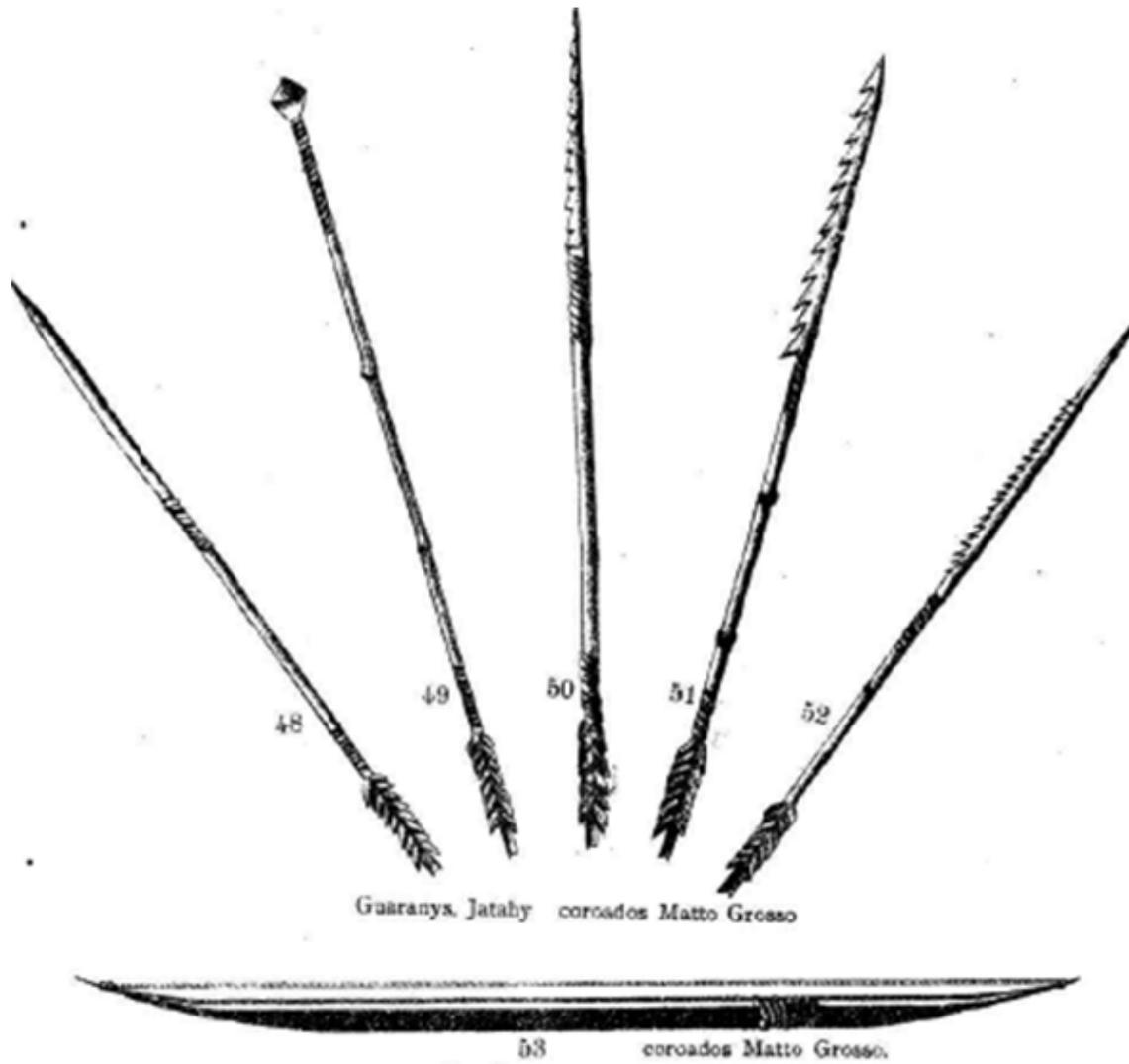


Figura 5. Cf. Flecha de n.º. 49. As flechas de número 48 e 49 são dos Guarani (Kayowá) do aldeamento de São Pedro de Alcântara junto à Colônia Militar do Jatay no Rio Tibagi.

Fonte: BORBA, 1908: Estampa 5.

O uso dessas pontas pelos Guarani também é confirmado por Alfred Metraux no verbete que escreveu para o **Handbook of South American Indians** em 1948.

The main types of arrowheads found in the tropical area are used by the Caingúá: Lanceolate taquara heads; tapering sticks, plain or barbed on one or both sides; and conical wooden plugs for stunning birds. (METRAUX, 1948:85)

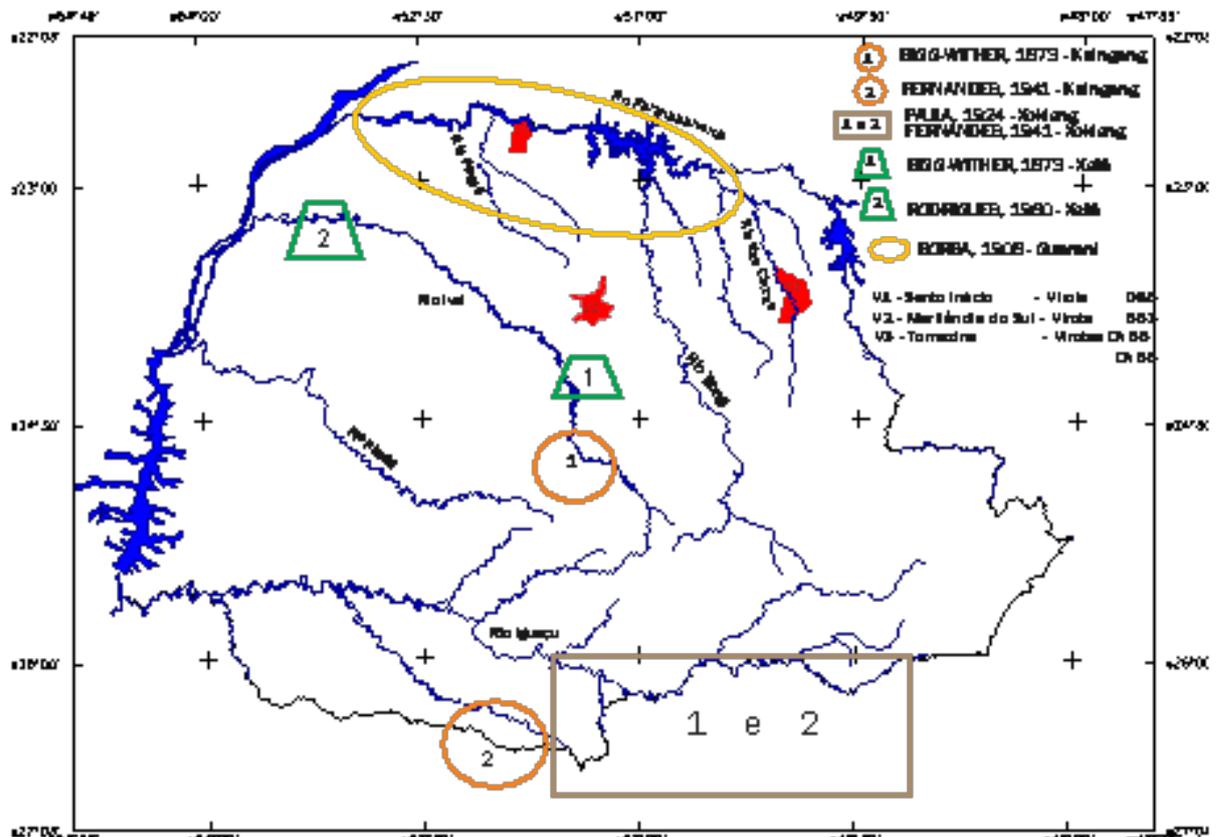
Também para os Guarani os virotes serviam para capturar os pássaros atordoando-os ou abatendo-os sem ferimentos para aproveitamento das plumagens.

Concluindo, podemos afirmar que:

- As pontas de projéteis conhecidas por virotes foram utilizadas por todos os povos indígenas que ocuparam os territórios desde o Rio Tietê em São Paulo até ao sul do Rio Uruguai;
- Elas eram utilizadas tanto para capturar pássaros e pequenos mamíferos como para coletar frutos;
- Podiam ser fabricadas com diversos tipos de rocha e várias espécies de madeira e ossos.

3. Descrição de quatro novos virotes encontrados no norte do Paraná

Os virotes descritos a seguir estão nas reservas técnicas de coleções públicas ou privadas. Nenhum deles tem sua localização georreferenciada, tem-se apenas a informação que foram encontrados em determinados municípios no norte do Paraná. O virote 085 nas margens do Rio Paranapanema no município de Santo Inácio, o virote 653 no município de Marilândia do Sul e os virotes CA 055 e CA 056 no Rio das Cinzas no município de Tomazina.



Mapa 1. Estado do Paraná com as áreas de ocorrência dos virotes.

Fonte: Marcos R. NANNI & Lúcio T. MOTA.

- **Virote 085: Coleção do Museu de Santo Inácio/PR²**

O virote 085 foi encontrado nas margens do Rio Paranapanema no município de Santo Inácio, pois estava armazenado na coleção arqueológica do Sr. Benedito Alves de Almeida que foi morador em Santo Inácio desde a década de 30 do século XX, quando ali chegou com sua família, e desde jovem passou a colecionar artefatos arqueológicos provenientes da Redução e suas proximidades.

O CNSA - Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos - do IPHAN registra nesse município, além do sítio histórico da Redução, outros 12 sítios, sendo quatro com artefatos líticos e outros oito com ocorrência de material cerâmico Guarani (Tradição Tupi-Guarani). E as informações etno-históricas, desde a chegada dos espanhóis na região na metade do século XVI, mostram ser o vale do Paranapanema território dominado por populações Guarani, e Telêmaco Borba evidencia a utilização dessas pontas por esses índios, nessa região, até a segunda metade do século XIX.³

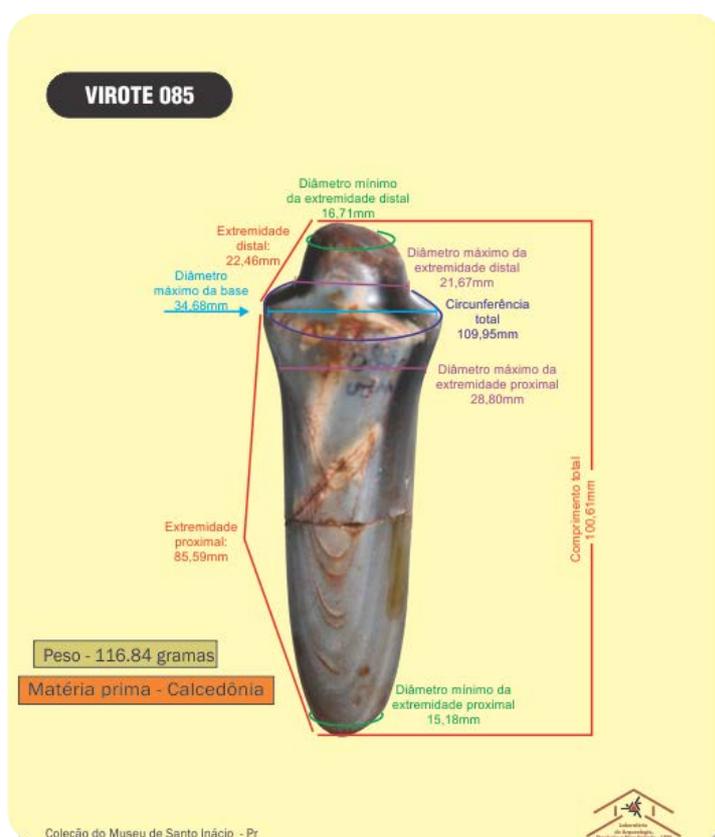


Figura 6

² O Museu Histórico de Santo Inácio foi inaugurado em 2009 e incorporou a coleção arqueológica do Sr. Benedito Alves de Almeida que estava depositada na Prefeitura Municipal desde a morte do Sr. Benedito em 2002. Essa coleção é constituída de um acervo de 198 artefatos líticos e 895 peças cerâmicas num total de 1.093 exemplares. Sobre este acervo, ver: Josilene A. de Oliveira. Inventário da coleção arqueológica Benedito Alves de Almeida do Museu Histórico de Santo Inácio - MHSI. In: Lúcio T. MOTA (org.) *Redução Jesuítica de Santo Inácio*. Maringá: Eduem, 2010.

³ Sobre a presença Guarani e Kaingang no vale do Paranapanema e afluentes, ver: Lúcio Tadeu MOTA. *As colônias indígenas no Paraná provincial*. Curitiba: Aos quatro ventos, 2000. Lúcio Tadeu MOTA. *As populações indígenas Kaiowá, Kaingang e as populações brasileiras na bacia dos rios Paranapanema/Tibagi no século XIX: conquista e relações interculturais*. *Fronteiras* (Campo Grande), v. 9, p. 47-72, 2007. Lúcio T. MOTA (org.) *Redução Jesuítica de Santo Inácio*. Maringá: Eduem, 2010.

- **Virote 653: Coleção do Museu da Bacia do Paraná - Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História da UEM.**⁴

O virote 653 foi encontrado pelo Sr. Florisvaldo Tomé Guizelini em seu sítio no município de Marilândia do Sul. Juntos estavam uma lâmina de machado, uma mão de pilão e um pilão, que foram doados para o LAEE/UEM em maio de 2007.

Marilândia do Sul se encontra no início do terceiro planalto paranaense no divisor das bacias hidrográficas dos rios Tibagi a leste e Ivaí a oeste, em altitudes que variam de 500 a 700 metros. Não temos neste município nenhum sítio arqueológico cadastrado no CNSA do IPHAN, mas as informações etno-históricas mostram que a região foi parte dos extensos territórios das populações Kaingang no Paraná, e parte da vertente ocidental também foi território dos Xetá, conforme informações do século XIX e início do XX.⁵

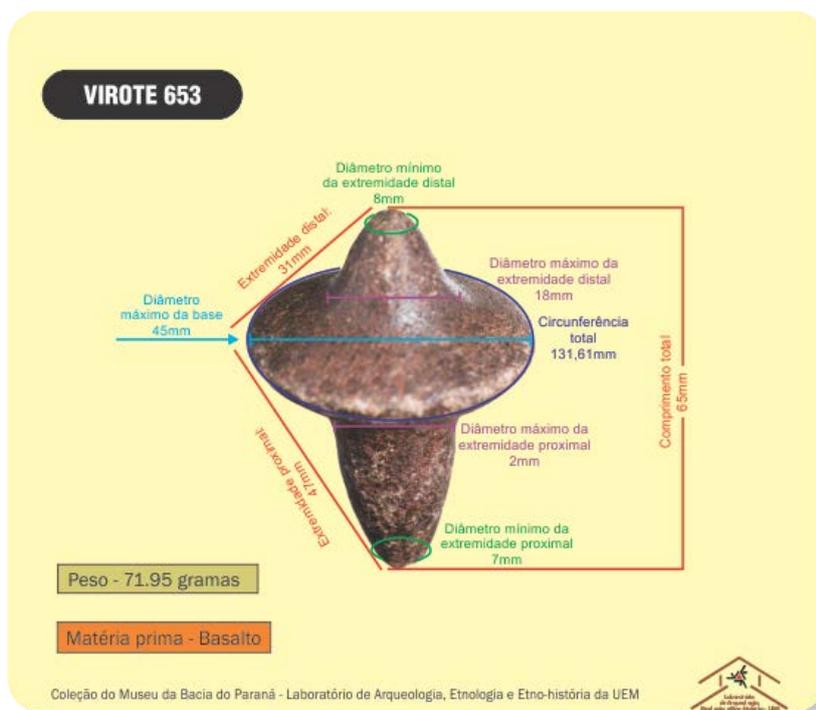


Figura 7

⁴ O acervo do Museu da Bacia do Paraná - Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História da Universidade Estadual de Maringá contém 615 peças líticas, 75 vasilhas cerâmicas inteiras e milhares de fragmentos em sua reserva técnica. Este acervo vem sendo formado por doações, desde a criação do Museu na década de 70 e, a partir de 1996, com a implantação do Laboratório de Arqueologia, com a incorporação de artefatos resultantes de pesquisas realizadas na região.

⁵ Sobre a história dos Xetá nessa região, ver: Lúcio Tadeu MOTA. *Os Xetá no vale do rio Ivaí 1840 - 1920*. Maringá: Eduem, 2013. E sobre a presença dos Kaingang ver: Lúcio Tadeu MOTA. *Os índios Kaingang e seus territórios nos campos do Brasil meridional na metade do século passado*. In: Lúcio Tadeu MOTA; Francisco Silva NOELLI; Kimiye TOMMASINO (orgs.). *Uri e Wãxi: estudos interdisciplinares dos Kaingang*. 1. ed. Londrina: EDUEL, 2000, v. 1, p. 81-190.

- **Os virotes CA 55 e CA 56 da Coleção do Sr. José Aluizio Carsten de Tomazina/PR.**⁶

Os virotes CA 55 e CA 56 fazem parte do acervo particular do Sr. José Aluizio Carsten, morador do município de Tomazina no norte do Paraná. Este acervo foi sendo formado como resultado de achados do Sr José e de doações que recebeu de outros moradores da região.

A bacia do Rio das Cinzas, que deságua no Paranapanema, tem sido vasculhada desde épocas coloniais por garimpeiros que nela procuram diamantes e muitas das peças deste acervo foram resultantes dessa atividade, encontradas, portanto, nas proximidades do Rio das Cinzas e seus pequenos afluentes.

Apesar da coleção do Sr. José Carsten conter 110 peças líticas, não se tem nenhum sítio arqueológico cadastrado neste município no CNSA do IPHAN. Mas informações arqueológicas de municípios vizinhos mostram a ocorrência de sítios líticos (Tradições Humaitá e Umbu), cerâmicos (Tradição Itararé e Tupi-Guarani) e com Pinturas Rupestres. As informações etno-históricas evidenciam ter sido a região ocupada por populações Guarani e Kaingang.⁷

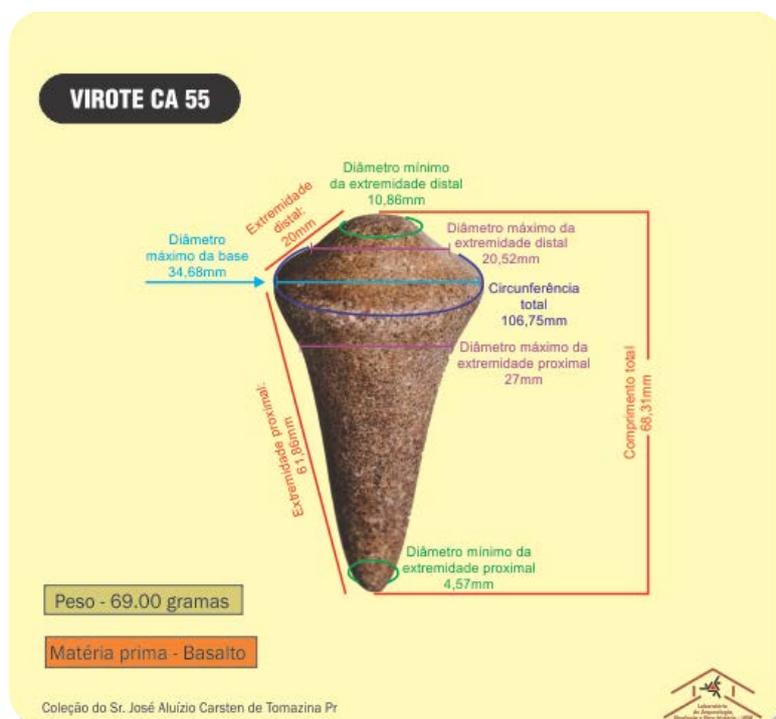


Figura 8

⁶ O acervo particular do Sr. José Aluizio Carsten contém 110 artefatos líticos resultado de suas atividades na bacia do Rio das Cinzas e de doações de moradores da região. Este acervo foi inventariado em 2008 e se encontra em processo de regularização junto aos órgãos competentes.

⁷ Sobre a ocupação pretérita da bacia do Rio das Cinzas, ver: Aluizio Alfredo CARSTEN. *Ocupação Humana da Bacia do Rio das Cinzas: uma história de povos sem história*. Mestrado em História, PPH - Universidade Estadual de Maringá, 2012.

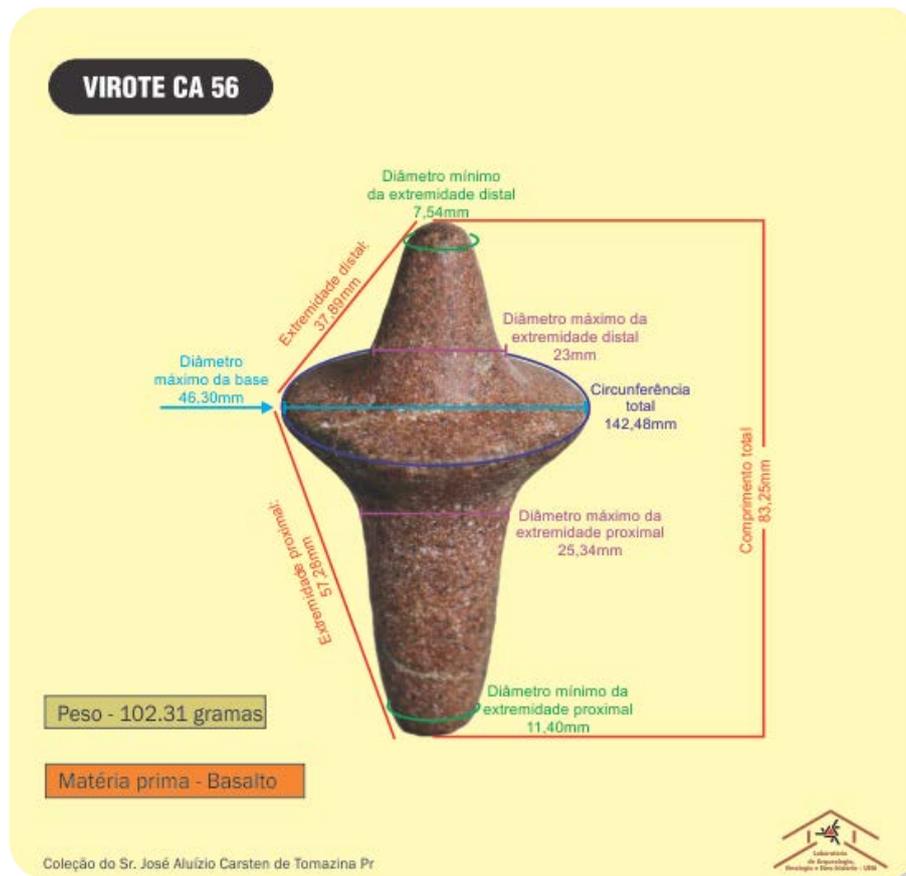


Figura 9

Conclusão

As primeiras abordagens sobre a ocorrência e uso dos virotes entre as populações indígenas no Brasil, entre final do século XIX e terceira década do século XX, assinalam que essas pontas de projéteis estavam disseminadas por todo o Sul e Centro do Brasil. Informa também que elas podiam ser encontradas na Amazônia, isso indica que as possibilidades de uso desses artefatos podem ser ampliadas tanto em termos espaciais como em profundidade temporal. Contrapondo, dessa forma, Hermann von Ihering que afirmou serem as pontas rombas uma particularidade apenas dos grupos indígenas do Brasil meridional e central (IHERING, 1904:574).

Focalizando a ocorrência e uso dos virotes para os territórios indígenas de parte do Sudeste e Sul do Brasil pode-se afirmar que: as pontas de projéteis conhecidas por virotes foram utilizadas por todos os povos indígenas que ocuparam os territórios entre o Rio Tietê até ao sul do Rio Uruguai; que elas eram utilizadas tanto para capturar pássaros e pequenos mamíferos como para coletar frutos; e podiam ser fabricadas com diversos tipos de rocha, várias espécies de madeira, e ainda tem-se o registro de serem confeccionadas com ossos.

Mas ainda continuam sem respostas adequadas diversas questões relacionadas a essas pontas de projéteis, como: elas foram difundidas no Sul do Brasil pelas populações Jê - Kaingang e Xokleng -, pelos grupos falantes do Guarani, ou já estavam sendo utilizadas por populações pré-ceramistas?

Agradecimentos

Ao professor Marcos Rafael Nanni, da área de geoprocessamento da UEM pelo Mapa do Paraná com os locais de ocorrência dos artefatos; aos professores Manoel Luiz dos Santos e Nelson Vicente Lovatto Gasparetto, do GEMA-UEM, pela identificação da matéria prima dos virotes; ao Sr. Antonio Carlos Locatelli pelas fotografias aqui utilizadas; ao Sr. José Aluízio Carsten, de Tomazina Pr, e Josilene Ap. de Oliveira, do Museu Histórico de Santo Inácio, pela disponibilização dos acervos para estudos.

Referências

BIGG-WITHER, T. P. **Pioneering in South Brazil**. Three years of forest and prairie life in the Province of Paraná, in two volumes with map and illustrations. London: John Murray, 1878.

BORBA, Telêmaco. **Actualidade indígena**. Curitiba, Imprensa a vapor Impresora Paranaense. 1908.

CARSTEN, Aluízio Alfredo. **Ocupação Humana da Bacia do Rio das Cinzas: uma história de povos sem história**. Mestrado em História, PPH - Universidade Estadual de Maringá, 2012.

FERNANDES, José Loureiro. **Os Caingangues de Palmas**. Arquivos do Museu Paranaense, 1:161-229. Curitiba, 1941.

IHERING H. von. Archeologia comparativa do Brazil. **Rev. Museu Paulista**, 6. São Paulo, 1904, p. 574.

IHERING H. von. Civilização pré-histórica do Brazil Meridional. **Rev. Museu Paulista**, 1, p. 33-161. São Paulo, 1895.

IHERING, Von, H. Resíduos da idade de pedra, na cultura actual do Brasil. **Revista do Instituto Histórico de São Paulo**, n°9.

KOENIGSWALD, Gustav von. Die Coroados im sudlichen Brasilien. **Globus**, 1908, p. 27-32.

KRONE, Ricardo. Informações ethnográficas do valle do rio Ribeira do Iguape. **Exploração do Rio Ribeira do Iguape**, 2. ed. Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo. p. 23-34. 1914.

KRUG, Edmundo. Os índios das margens do Paranapanema. **Revista do Instituto Histórico de São Paulo**, n° 21.

LAMING-EMPERAIRE, Annette. **Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul**. Curitiba, Centro de pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná. (Manuais de Arqueologia 2.), 1967.

LANE, Frederico. Arcos e flechas dos índios Kaingáng do Estado de São Paulo. **Revista do Museu Paulista**, Volume XI. São Paulo, 1959.

MÉTRAUX, Alfred. The Guaraní. In Steward, Julian H. (ed.), **Handbook of South American Indians**, Vol. 3: The tropical forest tribes, p. 69-94. Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143. Washington, 1948.

MOTA, Lúcio Tadeu. **As colônias indígenas no Paraná provincial**. Curitiba: Aos quatro ventos, 2000.

MOTA, Lúcio Tadeu. As populações indígenas Kaiowá, Kaingang e as populações brasileiras na bacia dos rios Paranapanema/Tibagi no século XIX: conquista e relações interculturais. **Fronteiras** (Campo Grande), v. 9, p. 47-72, 2007.

MOTA, Lúcio Tadeu. **Os Xetá no vale do rio Ivaí 1840-1920**. 1. ed. Maringá: Eduem, 2013. v. 1000. 209p.

MOTA, Lúcio Tadeu. (orgs.) **Redução Jesuítica de Santo Inácio**. 1. ed. Maringá: Eduem, 2010. v. 1. 174p.

PAULA, José M. de Memória sobre os Botocudos do Paraná e Santa Catarina organizado pelo Serv. de Proteção aos Índios sob a Inspeção do Dr. José M. de Paula. **Anaes do XX Congresso Internacional de Americanistas**, Rio de Janeiro, v.1, p. 117-37. 1924.

PLOETZ, Hermann & MÉTRAUX, Alfred. La civilisation matérielle et la vie sociale et religieuse des indiens Zê du Brésil méridional et oriental. **Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán**, 1(2):107-238. Tucumán, 1930.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Caderno de campo Xetá**. Maringá: Eduem, 2013.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Os índios Xokleng: memória visual**. Florianópolis: Ed. da UFSC; [Itajaí]: Ed. da UNIVALI, 1997.

SOUZA, Gustavo Neves. **O Material Lítico Polido do interior de Minas Gerais e São Paulo: entre a matéria e a cultura**. 148f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SPEISER, Felix. **Im Duster des brasilianischen Urwalds**. Stuttgart: Verlag Strecker und Schroder, 1926.

STEINEN, Karl von den. **Unter den Naturvölkern Zentral-Braziliens**. p. 485.

TIBURTIUS, Guilherme; LEPREVOST, Alsedo. Nota sobre a ocorrência de virotes, nos estados do Paraná e Santa Catarina. **Arquivos de Biologia e Tecnologia**, Curitiba, 1954, v. 9, p. 87-98.